

O PLURAL DAS PALAVRAS TERMINADAS EM -ÃO: MUDANÇA OU VARIAÇÃO ESTÁVEL?

Miriam Cristina Almeida Severino (UFRJ)

cristinasmiriams@yahoo.com.br

Christina Abreu Gomes (UFRJ)

christina-gomes@uol.com.br

1. Introdução

Este estudo diz respeito a variável linguística *plural dos nomes terminados em -ão* que possui três possibilidades de realização, *-ãos*, *-ães*, e *-ões*.

Dessa forma, no uso da língua é possível encontrar formas como *cidadões*, em vez de *cidadãos*, *sugestãos*, em vez de *sugestões*, ou mesmo *pavães*, em vez de *pavões*.

Huback (2010), ao estudar o plural das palavras terminadas em *-ão* na comunidade de fala de Belo Horizonte, constatou que o que ocorre com esse plural é um caso de mudança em progresso em direção a forma *-ões*. Segundo, a autora a frequência de tipo e a frequência de *token* influenciam a direcionalidade do plural em *-ãos*, *-ães*, ou *-ões*.

O objetivo deste trabalho é verificar para a comunidade de fala do Rio de Janeiro, se também há indícios de mudança em direção ao plural *-ões*, ou se o que ocorre é um caso de variação estável.

Além disso, queremos também verificar se a inferência probabilística acerca do plural destas palavras é feita tomando o léxico como um todo (inferência global), ou se é feita a partir da relação entre a forma base e a forma flexionada de um grupo específico de palavras dentro do léxico (inferência local).

Por fim, queremos também verificar se propriedades lexicais dos itens que compõem o esquema de palavras flexionadas em *-ãos*, *-ães*, e *-ões* têm alguma influência na escolha do plural.

2. Pressupostos teóricos

Este trabalho se desenvolve dentro do escopo do modelo de redes de representações lexicais proposto por Bybee (1995). Este é um modelo

de léxico altamente estruturado, onde as palavras que ouvimos e produzimos são armazenadas de acordo com suas semelhanças de som e de sentido, formando redes associativas de som e significado.

Através das regularidades encontradas nessas redes, um padrão começa a se estabelecer. Quanto maior for o número de itens distintos a que esse padrão se aplicar, mais robusta será a representação desse padrão, ele terá uma alta frequência de tipo. Isso fará dele um padrão produtivo na língua; isto é, ele será o padrão utilizado para a produção de palavras novas na língua, ou para a produção de palavras cujas conexões lexicais sejam desconhecidas.

Neste léxico em redes, os itens menos frequentes têm uma representação fraca, ou podem nem mesmo ter uma representação. Sendo assim, para que esses itens sejam acessados, ou lembrados, é preciso que a conexão com sua rede seja estabelecida. Isso faz com que os itens menos frequentes estejam mais sujeitos a sofrerem mudança analógica (adoção de um paradigma diferente do de sua classe), pois através da conexão com a rede busca-se a característica mais comum para os itens daquela rede e, por analogia, aplica-se a característica encontrada ao item, e pode ocorrer de aquela não ser de fato a característica esperada para aquele item.

Os itens mais frequentes, por outro lado, devido ao seu alto uso, são facilmente lembrados, têm forte representação lexical, não precisam que a conexão com a sua rede seja estabelecida para serem acessados; e, portanto, são mais resistentes a mudança analógica.

3. Metodologia

De início, foi feita uma busca por dados de fala espontânea na amostra censo 2000 (PEUL/UFRJ), porém a pouca quantidade de dados (a maioria deles com plural esperado em *-ões*) impediu que a pesquisa fosse baseada em dados de fala espontânea. A alternativa encontrada foi obter os dados por meio de um teste de produção.

As palavras utilizadas no teste foram selecionadas em função do plural esperado e da frequência de ocorrência no plural. Os sujeitos da pesquisa foram crianças, jovens e adultos.

Os dados obtidos por meio do teste foram submetidos ao programa estatístico Goldvarb (2001) e analisados em função das seguintes va-

riáveis: frequência de ocorrência da palavra no plural, plural esperado para a palavra, faixa etária, sexo, e escolaridade.

4. Análise dos resultados

Uma primeira análise estatística foi feita a fim de termos uma visão geral acerca da distribuição das três variantes e entendermos que direção o plural das palavras terminadas em *-ão* toma (se *-ões*, se *-ãos*, ou se *-ães*). Na tabela abaixo temos o mapeamento dessa distribuição:

Plural esperado	Respostas dadas					
	<i>-ãos</i>	%	<i>-ães</i>	%	<i>-ões</i>	%
<i>-ãos</i>	364/479	75 %	13/479	2 %	102/479	21 %
<i>-ães</i>	88/528	16 %	256/528	48 %	184/528	34 %
<i>-ões</i>	60/535	11 %	19/535	3 %	456/535	85 %

Tabela 1:

Resultados gerais para a distribuição das três variantes em função do plural esperado

Como se pode depreender da tabela acima, quando ocorre variação no plural das palavras terminadas em *-ão*, a variante mais usada *-ões* (um total de 55% de ocorrências), em seguida está a variante *-ãos*, com 27% das ocorrências. A variante *-ães* é a menos usada (5% das ocorrências apenas).

Embora a realização em *-ões* para os itens lexicais com plural esperado em *-ões* não seja categórica, decidimos retirar de nossa análise todos os dados com plural esperado em *-ões*; pois, uma vez que o padrão *-ões* é o que mais atrai itens com outra flexão esperada, queríamos entender que fatores favorecem a adoção de *-ões* em detrimento das demais flexões. Dessa forma, não faria sentido analisar *-ões* alternando com *-ões*. Isso porque os itens lexicais com plural esperado em *-ões* se realizaram com essa flexão, e não outra, em 85% dos casos; ou seja, os itens com plural esperado em *-ões* tiveram uma maior tendência à não se flexionar com outro morfema. Sendo assim, a presença destes itens poderia de alguma forma “mascarar” nossos resultados.

Antes da retirada do fator *plural esperado em -ões*, contávamos com um total de 1.542 dados. Retirados estes dados, ficamos com um total de 1.007 dados e os submetemos novamente ao programa estatístico. Feito isso, constatamos a influência de quatro fatores na alternância de morfemas de plural para as palavras terminadas em *-ão*, dois linguísticos e dois sociais. São eles, nesta ordem: *frequência de ocorrência da palavra no plural*, *escolaridade*, *plural esperado*, e *faixa etária*.

4.1. Frequência de ocorrência

	Ocorrências / Total	%	Peso Relativo
+ Frequentes	89/543	16 %	0,336
- Frequentes	197/464	42 %	0,689

Tabela 2: Realização do morfema *-ões* em função da frequência de ocorrência

No que diz respeito a este fator, constatamos, conforme o esperado, que os itens lexicais com baixa frequência de ocorrência no plural têm forte influência na variação que se verifica. Os itens lexicais com baixa frequência de ocorrência têm uma maior tendência à se flexionar com o morfema *-ões* (peso relativo 0,689), enquanto os itens com alta frequência têm uma menor tendência à adoção dessa flexão (peso relativo 0,336). Esses resultados já eram esperados, pois, como postulado pelo modelo de redes, palavras com baixa frequência de ocorrência têm uma fraca representação lexical, e para serem lembradas, precisam que a conexão com a sua rede seja ativada, ficando dessa forma mais propensas a sofrerem mudança analógica (serem flexionadas de acordo com o padrão mais frequente para sua classe, mesmo que este não seja o padrão esperado para estes itens em particular). Isso não ocorre com as palavras mais frequentes, que, por terem uma representação lexical forte, são facilmente lembradas, não precisam da conexão com sua classe para serem ativadas.

Portanto, a experiência que se tem com a forma flexionada se mostra de grande importância, no sentido de que quando o falante não está familiarizado com a palavra no plural ou não consegue lembrar desta, ele busca a rede a que ela poderia pertencer e vê que para as palavras terminadas em *-ão*, como é o caso, o plural em *-ões* é o mais frequente. Assim, por meio de uma analogia, ele escolhe o padrão em *-ões* para a flexão de um item terminado em *-ão* com o qual ele não está familiarizado.

4.2. Escolaridade

	Ocorrências / Total	%	Peso Relativo
Ensino Fundamental	209/548	38 %	0,658
Ensino Superior	77/459	16 %	0,314

Tabela 3: Realização do morfema *-ões* em função da escolaridade

Quanto a esta variável, constatamos que os informantes com o ensino fundamental apenas demonstram uma maior tendência ao uso do

plural *-ões* na variação que se verifica (peso relativo 0,658) do que os informantes com ensino superior (peso relativo 0,314). As chances de um desses informantes utilizar o plural *-ões* para a flexão de um item cujo plural esperado não seja este chegam a 38%. Os informantes com o ensino superior, diferentemente, utilizam o padrão *-ões* para a flexão de um item cujo plural esperado não seja este em apenas 16% das ocorrências. Os informantes com ensino superior demonstram, portanto, uma maior tendência a manter o plural esperado para a flexão dos itens em questão.

A experiência de uso com a forma flexionada, mais uma vez, parece ter grande influência nesses resultados. Ainda de acordo com o Modelo de Redes, é possível dizer que os informantes que possuem unicamente o ensino fundamental tenham uma representação muito menos robusta para os tipos *-ãos* e *-ães* do que os informantes que possuem o ensino superior. Ou seja, é possível que os informantes com menos anos de escolarização tenham sido também menos expostos aos padrões *-ãos* e *-ães*. Como o padrão *-ões* parece ser o mais robusto nas representações de todos os falantes, os informantes menos escolarizados estariam fazendo um maior uso do padrão mais frequente para flexionar itens dos quais a flexão eles desconhecem.

4.3. Plural esperado

	Ocorrências / Total	%	Peso Relativo
<i>-ãos</i>	102/479	21 %	0,410
<i>-ães</i>	184/528	34 %	0,582

Tabela 4: Realização do morfema *-ões* em função do plural esperado

Os resultados para este fator revelaram que os itens lexicais com plural esperado em *-ães* têm uma maior tendência a adotar a flexão *-ões* (peso relativo 0,582) do que os itens com plural esperado em *-ãos* (peso relativo 0,410). Ou seja, os itens com plural esperado em *-ãos* tem uma maior tendência à manter o plural esperado para sua classe, do que os itens com plural esperado em *-ães*. Conforme o demonstrado na tabela 1 mais acima, os itens com plural esperado em *-ãos* conservaram sua flexão em 75% dos casos, enquanto os itens com plural esperado em *-ães* conservaram sua flexão em apenas 48% das ocorrências. É possível que a explicação para esses resultados resida no fato de que *-ães*, além de ser o padrão com menor frequência de tipo na rede das palavras terminadas em *-ão* (aplica-se a um número baixíssimo de itens e, portanto, não se caracteriza como um padrão produtivo), é um padrão composto por itens que

têm uma frequência de ocorrência *individual* baixa se comparada aos itens em *-ões* e *-ãos*. Dos itens utilizados nesse estudo, o item em *-ães* mais frequente tem uma frequência de 6.298 ocorrências, enquanto que o item em *-ãos* mais frequente tem uma de 21.872 ocorrências. Essas características aumentariam as chances dos itens em *-ães* serem flexionados com outro padrão (o mais frequente, por exemplo).

No inglês, língua em que formas regulares são muito mais robustas que as irregulares, as formas irregulares resistem à regularização porque têm uma frequência de ocorrência individual muito alta. Não é o que parece ocorrer com as formas irregulares em *-ães* no PB.

Os itens em *-ãos*, por outro lado, ainda que não façam parte do padrão mais robusto têm, contudo, uma frequência de ocorrência individual relativamente mais alta; isso faz com que eles estejam menos propensos a se flexionarem com um morfema que não seja o esperado para sua classe.

Há, portanto, uma interação entre frequência de tipo e frequência de ocorrência, em que o padrão com maior frequência de tipo atrai itens que pertencem a outro padrão, desde que esses itens tenham uma baixa frequência de ocorrência individual.

4.4. Faixa etária

	Ocorrências / Total	%	Peso Relativo
7-14 anos	42/139	30 %	0,391 ⁷¹
15-25 anos	89/291	30 %	0,554
26-49 anos	70/289	24 %	0,459
50 anos ou mais	85/288	29 %	0,539

Tabela 7: Realização do morfema *-ões* em função da faixa etária

A faixa etária foi o último fator selecionado como relevante para a variação aqui atestada; ou seja, de todos os fatores relevantes, este é o que tem menos relevância. Talvez isso se deva ao fato de que, como se pode ver na tabela acima, com exceção da faixa etária mediana (26 a 49

⁷¹ O peso relativo para esta faixa etária aparece invertido com relação ao seu percentual correspondente. A razão para este fenômeno pode estar na quantidade e distribuição dos dados para esta faixa etária em função de todas as variáveis consideradas. A variável *ensino superior*, por exemplo, não contava com dados relativos a essa faixa etária. Assim sendo, o valor deste peso relativo não pode ser visto como desfavorecedor do uso da variante *-ões*.

anos) a distribuição da variante *-ões* pelas diferentes faixas etárias é quase uniforme (30% e 29%); muito embora, o comportamento semelhante dessas faixas etárias não seja transparente na escala dos pesos relativos, contudo.

Os resultados para faixa etária descartam a hipótese de mudança em progresso e caracterizam o fenômeno em estudo como um caso de variação estável. Isto porque os indícios de mudança em progresso são constatados através da diferença na distribuição da variante pelos extremos etários. Em casos de mudança em progresso, normalmente o que se verifica é que os extremos etários têm números distantes um dos outros; as duas faixas etárias mais jovens tendem a um maior uso da variante inovadora, a faixa etária mediana fica num meio termo, e faixa etária mais velha tende à um maior uso da variante conservadora. Não é o que ocorre aqui. A faixa etária mais jovem e a mais velha têm um percentual de uso da variante inovadora muito próximo. Este seria, portanto, um fenômeno de variação estável.

Pelos resultados obtidos para os fatores frequência de ocorrência e plural esperado, entretanto, é possível que este seja sim um fenômeno de mudança, mas que se implementa gradualmente pelo léxico atingindo primeiramente os itens menos frequentes, principalmente aqueles que pertencem ao grupo *-ães*.

5. *Discussão geral*

Pelos resultados obtidos neste estudo, é possível que o ocorre com o plural das palavras terminadas em *-ão* seja um caso de mudança linguística em progresso; uma mudança, porém, que se implementa gradualmente pelo léxico, atingindo primeiramente os itens menos frequentes, principalmente aqueles pertencentes ao grupo *-ães*. Contudo, uma nova análise será feita considerando o papel do item lexical em si, a fim de verificarmos se algumas palavras demonstram maior tendência à mudar do que outras.

Concluimos também que a inferência probabilística acerca do plural destas palavras é local; isto é, é feita a partir da relação entre a forma base e a forma flexionada de um grupo específico de palavras dentro do léxico (o grupo das palavras terminadas em *-ão*), visto que a variante mais usada foi *-ões*, que é o morfema de plural mais frequente para as palavras terminadas em *-ão* no singular.

Uma questão a ser respondida com um aumento no número dos dados é que se os falantes inferem o plural destas palavras a partir do padrão mais robusto no léxico, um falante com pouca experiência com o padrão *-ões* apresentaria inferências diferentes (em *-ãos*, por exemplo) (GOMES & MANOEL, 2010).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BYBEE, J. Regular Morphology and the Lexicon. *Language and Cognitive Process*. V. 10, n. 5, p. 425-455, 1995.

GOMES, C. A.; MANOEL, C. G. Flexão de número na gramática da criança e do adulto. *Veredas*, Juiz de Fora, UFJF, vol. 14, n. 1, p. 122-134, 2010.

HUBACK, A.P. Plurais em *-ão* do português brasileiro: efeitos de frequência. *Revista Linguística*, vol. 6, n 1, jun./2010, Faculdade de Letras/ UFRJ.